

# DOSSIÊ

## O FEMININO COMO METÁFORA NA LITERATURA: AS DIVERSAS FACES DO DESEJO

### Apresentação

A *Revista LiteralMENTE* é uma publicação eletrônica, produzida pelo Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a qual visa atender às demandas acadêmico-científicas relacionadas aos Estudos Literários e de suas relações com outras áreas de conhecimento, como a Psicanálise, a Psicologia Analítica, os Estudos concernentes à sexualidade em seus múltiplos espectros. Para este segundo número, apresentamos o dossiê *O feminino como metáfora na literatura: as diversas faces do desejo*, organizado pelos(as) professores(as): Profa. Dra. Ana Patrícia Frederico Silveira (IFSPE), Prof. Me. Ivanildo da Silva Santos (PPGL-UFPB) e Prof. Me. Leonardo Monteiro de Vasconcelos (IFPB/PPGL-UFPB).

O século XVIII foi responsável por colocar o feminino em cena através dos discursos sobre a histeria. Com o ato fundador da psicanálise e sua descoberta do inconsciente, legitimando os desejos sexuais femininos, a psicanálise, como um dispositivo clínico de escuta, contribuiu para libertar o universo feminino da opressão e censura às quais estava sendo submetido. A especificidade do feminino inaugura a psicanálise e perpassa sua relação com outros campos do saber, em especial estudos de gênero e movimento feminista, tornando-se um novo horizonte para pensar a diferença. Através da sua polissemia, o feminino pode remeter ao tornar-se mulher, quando nos debruçamos, com acuidade, às origens da sexualidade e aos papéis de gênero. É o território da feminilidade originária, do excesso pulsional, do trauma e da fragmentação na qual a sexualidade feminina se organiza.

É extensa a literatura sobre a mulher, assim como as diversas faces assumidas pelo feminino. Desde “o continente negro”, de Sigmund Freud, à lógica do não-todo, de Jacques Lacan, uma impossibilidade de conceituar o feminino acompanha todo o percurso da teoria psicanalítica, assim como outras epistemes. Apesar dessa incompletude teórica, o território do feminino coincide, de alguma forma, percorrer caminhos em busca da alteridade. Campo conceitual complexo e ambíguo, ao assumir a alteridade do sujeito feminino, possibilita que o feminino seja (re)configurado como sujeito desejante. Dessas reflexões, resulta a proposta

deste dossiê, dedicado a examinar a presença do feminino e suas subjetividades na literatura, contemplando teorias psicanalíticas, feministas e/ou de gênero que reflitam a condição do feminino em produções literárias.

O artigo de abertura, *Literatura e Psicanálise nas tecituras das escritas memoriais de autoria feminina*, de Irene Corrêa de Paula Sayão Cardozo, propõe-se a desenvolver uma interlocução entre a psicanálise, as escritas de si e a feminilidade, onde a autora nos convida, a partir da análise de três seletas narrativas memoriais francófonas de autoria feminina, a evidenciar o caráter não apenas memorialístico, mas, igualmente, os códigos de uma autorrepresentação contidos em *Une enfance outremer* (2001), organizada pela escritora argelina Leïla Sebbar, *Une enfance d'ailleurs* (1993), organizada pela escritora Leïla Sebbar e pela canadense Nancy Huston; *Une enfance haïtienne* (2017), organizada pelo autor haitiano Guy Régis Jr..

No segundo artigo, intitulado *A brevidade do corpo que fala: a concisão poética na produção de Paula Tavares*, que constitui uma pesquisa realizada por Andrezza Maria Gomes Cachoeira, Juliano de Lima Raposo e Raíra Costa Maia de Vasconcelos, somos apresentados a importantes reflexões acerca do cenário das produções literárias angolanas de autoria feminina, a qual tem a poeta Ana Paula Tavares como escolhida para evidenciar como a literatura dessa autora, que congrega aspectos intimistas e coletivistas, congrega elementos memoriais e de tradições ancestrais capazes de oportunizar a observação de características intrínsecas à sua criação literária, que engloba imagens representativas do corpo feminino e da mãe-terra.

Em *Uma aprendizagem de si em Clarice: a presença do arquétipo mitológico de Afrodite no Livro dos Prazeres*, as autoras Vanessa Stefane Gomes de Assunção, Márcia Denise da Rocha Collinge e Maria da Luz Lima Sales convergem saberes da mitologia, da literatura e da psicologia analítica de modo a demonstrarem a influência do arquétipo de Afrodite, deusa da beleza e do amor na mitologia grega (sendo Vênus a sua correspondente na mitologia romana) no itinerário amoroso e na descoberta de si da personagem Lóri, presente na obra *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector, evidenciando, como apontam as autoras, em que ponto a conexão com um arquétipo mitológico pode abrir novas chaves de interpretação da figura tanto da mulher na obra de Clarice quanto da mulher contemporânea.

Cyndi de Oliveira Moura e Claudia Vanessa Bergamini, em *A representação feminina a partir dos passos de Leniza, personagem de A estrela sobe, de Marques Rebelo*, discorrem sobre a literatura Marques Rebelo, autor que, apesar de ser citado por grandes críticos

literários, ainda não possui o devido reconhecimento por parte da crítica em geral. No intuito de fomentar a discussão acerca de sua obra, as autoras realizam um exame da personagem Leniza, protagonista da obra *A estrela sobe*, de 1939, permitindo-nos compreender não apenas o seu percurso enquanto personagem, mas também como ela decodifica um feminino que, em meio às vicissitudes da vida, desafia alguns dos parâmetros de seu tempo.

Rematando este dossiê, temos o artigo *Laura Santos e Gilka Machado: poesia e volúpia*, desenvolvido por Josivânia da Cruz Vilela e Marcelo Medeiros da Silva. A pesquisa pontua como o período que compreende os meados do século XIX até o início do século XX constitui um importante ambiente para a produção poética brasileira de autoria feminina, sobretudo no que diz respeito ao rompimento de algumas das amarras sociais que limitavam a atuação das mulheres, como era visível no âmbito literário. Tendo como base esse cenário oitocentista, as pesquisadoras apresentam-nos como as poesias de Gilka Machado (1893-1980) e Laura Santos (1919-1981) representaram, em meio à sociedade estada pela visão patriarcal, um marco literário para aquele período, haja vista seu teor carregado de erotismo.

Ao passo que concluímos este segundo número do primeiro volume da Revista literalmente, constituído pelo dossiê *O feminino como metáfora na literatura: as diversas faces do desejo*, gostaríamos de expressar nossa imensa estima a todos(as) que contribuíram para o seu desenvolvimento, desde os organizadores(as), Profa. Dra. Ana Patrícia Frederico Silveira, Prof. Me. Ivanildo da Silva Santos e Prof. Me. Leonardo Monteiro de Vasconcelos, passando pelos(as) pesquisadores(as), que confiaram a este periódico o resultado de importantes pesquisas, até os(as) colaboradores(as) internos(as), como os pareceristas, sem os quais o processo de publicação se tornaria inviável.

Acreditamos firmemente que os textos presentes neste dossiê contribuirão teórica e conceitualmente para os estudos relacionados à manifestação do feminino e de sua subjetivação, os quais, apesar do crescente interesse da comunidade científica, ainda carece de muitos e profundos adentramentos.

**Editores**